
Paisagem Sonora e Cidadania: como as cidades podem ser mais abertas à ocupação¹

Marcello Monteiro GABBAY²
Jefferson Fernandes DIAS³
Universidade São Judas Tadeu, SP

RESUMO

Neste artigo, refletimos sobre o papel do comunitarismo na construção de uma cidade mais democrática e diversa, especialmente no cenário deixado pela pandemia da Covid-19, quando muitas iniciativas de ocupação cidadã do espaço público foram interrompidas, gerando um contexto de ansiedade e isolamento social. Por isso abordamos a cidadania a partir das perspectivas psicossocial e comunicacional. Por fim reportamos os resultados preliminares de um projeto de extensão universitária que realizou um mapeamento crítico da paisagem sonora em uma avenida de São Paulo, com o objetivo de refletir sobre as formas de ocupação da cidade. Concluimos que determinados aspectos da comunicação sonora podem ajudar a reequilibrar as paisagens sonora e sociocultural da metrópole, favorecendo uma ocupação mais cidadã.

Palavras-chave: cidadania; paisagem sonora; pandemia; ocupação; cidade.

1. O Papel do Comunitarismo na Vida Pós-Covid

A pandemia da Covid-19 afetou as sociedades globais em diversas pontas da vida social. Mas, além de aspectos como saúde pública, políticas sanitárias, aumento da pobreza e precarização do trabalho, outros, ligados aos fenômenos psicossociais da comunicação, ainda carecem de observação, pesquisa e acompanhamento. Referimo-nos à ansiedade gerada pela interrupção súbita das práticas socioculturais, comunitárias, étnicas e identitárias, por conta da necessidade de distanciamento social em 2020.

Além disso, sabemos que a comunicação mediada pelo computador ou pela técnica faz parte de um processo histórico que, nas sociedades ocidentais, se confunde com a própria ideia de cultura. O avanço das tecnologias digitais promoveu a supressão do tempo-espaço, e bem antes da pandemia da Covid-19 já assistíamos ao avanço expressivo do teletrabalho, das videoconferências e videoaulas, e reuniões mediadas pelo computador. Mas a pandemia da Covid-19 ajudou a acelerar o processo em curso. O consumo e produção de informações, a aproximação de pessoas pela telepresença, e

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor Doutor nos cursos de Comunicação e Artes da Universidade São Judas Tadeu (SP). E-mail: marcellogabbay@uol.com.br

³ Aluno de graduação em Psicologia da Universidade São Judas Tadeu (SP). E-mail: jeffersonfdias@gmail.com

mesmo o tempo ágil com que se conseguiram produzir as vacinas contra o vírus, são fenômenos antecipados por Pierre Lèvy (1998) há trinta anos atrás.

No entanto, é preciso observar como esta aceleração de um processo histórico, pela necessidade de adaptação e de sobrevivência, produziu impactos na ocupação dos espaços públicos e no que isso representava para uma visão multilateral de cidadania. Nossa hipótese é a de que o aumento antecipado da imersão nos ambientes digitais regulados pelos algoritmos na pandemia da Covid-19 pode ter resultado em fenômenos como a ansiedade gerada pela sensação de insegurança ligada à interrupção súbita das práticas socioculturais, comunitárias, étnicas e identitárias.

Por isso, é importante refletirmos sobre o papel da experiência comunitária na retomada das práticas vinculativas territoriais depois dos primeiros anos da pandemia da Covid-19. Assim, devemos observar o comunitarismo em duas frentes: psicossocial e comunicacional. Na perspectiva psicossocial, entende-se esse fenômeno como efeito de contenção psíquica do mal-estar e das angústias existenciais, sendo a comunidade o espaço de produção de segurança simbólica e de sustentação afetiva dos contratos sociais de bem-estar, cidadania e altruísmo. Nas perspectiva comunicacional, entende-se o comunitarismo como processo de produção de sentido e trocas simbólicas.

2. Explorando as Perspectivas Psicossocial e Comunicacional do Comunitarismo no Contexto da Pandemia

Além da saúde pública, a insegurança real e simbólica, e a desestruturação das práticas culturais, comunitárias e de ocupação dos espaços públicos, a pandemia da Covid-19 trouxe outros danos ainda por serem aferidos. Diferentes condições sociais e econômicas produziram diferentes respostas à pandemia. Principalmente, sociedades mais pobres se veem mais vulneráveis à morte, ao isolamento sociocultural e à ruptura do “contrato social” e regressão à barbárie. Também, as diferentes ideologias e estruturas de poder por detrás dos sistemas sociais produziram diferentes respostas à pandemia, aflorando o conflito entre liberdade individual e direito coletivo, o que ajudou a ruir ainda mais com a ideia de “solidariedade social” (RUSTIN In DE STAAL e LEVINE, 2021, p. 58), especialmente em países com condução negacionista ou autoritária, como o Brasil e os Estados Unidos.

Com base nos recentes estudos psicológicos sobre a experiência coletiva da pandemia (DE STAAL e LEVINE, 2021; BIRMAN, 2020; ROCHA, 2022;

YONESHIGUE, 2022), percebemos que os grupos mais vulneráveis e mais excluídos dos sistemas privatistas saúde e, educação e cultura experimentam uma sensação de insegurança real e simbólica ampliada pela desterritorialização súbita das práticas socioculturais, comunitárias, étnicas e identitárias, causadas pela experiência de reclusão social e necessidade de maior telepresença durante os primeiros dois anos da pandemia da Covid-19, especialmente no Brasil, onde as desigualdades socioeconômicas e um trato institucional negacionista produziram maior sofrimento neste processo de mudanças estruturais do cotidiano.

A desarticulação da vida nas cidades e do exercício da cidadania na forma da co-presença e da ocupação dos espaços era um processo já em curso antes da pandemia. No que cabe ao fenômeno da comunicação em ambiente digital, a confusão entre público e privado, realidade e ficção, que faz da comunicação na Internet uma trama complexa de produção de verdades, provocando, segundo Marilena Chauí (2006, p. 100), uma diminuição da realidade vivida no contato direto em favor do espetáculo, já era um tema estudado desde a década de 1990.

Mas não foi a Internet a responsável pela aproximação entre realidade e ficção. Este casamento se consolida, segundo Sodré (2009, p. 154), no século XIX, na aproximação entre jornalismo e literatura, cujo ponto intersticial seria a “est tica do realismo objetivo” calcado num “real imaginado”. Ainda segundo Sodré (2002, p. 39-41; 63-65), a principal consequência política da vida midiaticizada seria a mudança nas formas tradicionais de socialização e participação com o rompimento da coincidência entre espaço público e espaço político, resultando em um novo tipo de cidadania sustentada pelas leis do mercado e do consumo, consolidada pela economia dos algoritmos na sociedade atual (SODRÉ, 2021, p. 89).

Neste contexto mais fatalista, Sodré (2002, p. 166; 2021, p. 38) sugere a preservação da “exterioridade ao puro artifício técnico” dos meios de comunicação e mediação, ou seja, ter “um p  fora do fechamento das redes, mas dentro do empenho vital de geração de valor humano”, uma  tica presente nas relações com o mundo midiaticizado, que remonta   uma nova relação com o lugar, o território cultural.

Completando esse cenário, a era dos algoritmos imprime novos temas ao debate das m dias e da cidadania, pois em sua lógica mercantil de programação contribuem para a invisibilização dos mais pobres (O’NEIL, 2020), interferindo na sensação de

presença e de representatividade no mundo digital e no mundo real, o que foi agravado pelo aumento da telepresença ocasionado na experiência da pandemia em 2020.

Partindo do pressuposto de que “o afeto e o mundo imbricados na ‘inteligência’ da sobrecarga informativa excedem o sujeito individual”, o que põe à vista a “enorme fragilidade do ser humano diante de suas próprias realizações materiais” (SODRÉ, 2021, p. 38), apontamos a fragilidade psicológica e comunicacional potencializada pela experiência traumática – em suas várias frentes políticas, sociais, culturais e sanitárias – da pandemia da Covid-19.

Assim, a retomada dos espaços públicos por coletivos, grupos e movimentos comunitaristas é determinante para se fazer frente a ansiedade gerada pelo isolamento social e pela crescente privatização das cidades. É o momento de retomar a ideia de uma *paisagem sonora multilateral e diversa*.

3. A Paisagem Sonora como representação da diversidade

Diante do cenário exposto, sugerimos que a retomada das dinâmicas de ocupação dos espaços públicos seja um elemento decisivo para reconquistar uma perspectiva cidadã, multilateral e diversa de território e de cidade. Neste sentido, o projeto de extensão “Paisagem Sonora: mapeamento urbano e psicossocial”⁴, coordenado por este autor na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, vem, há dois anos, construindo um modelo de mapeamento crítico das paisagens urbanas como indicador das formas de ocupação, privatização e (des)ordenamento da cidadania nas ruas de uma grande metrópole. Em nossa perspectiva, a paisagem sonora é uma metáfora da paisagem social e cidadã, é uma representação da diversidade.

E diante das novas paisagens sonoras do mundo superurbano e da telepresença acrescentada à vida maquínica das metrópoles, o questionamento que nos propomos é, em primeiro lugar, se a retomada da ocupação dos espaços públicos não seria a forma mais eficaz de se fazer frente a ansiedade gerada pelo isolamento social e pela crescente privatização das cidades; e em segundo lugar, se uma *paisagem sonora multilateral diversa* seria uma força simbólica contra a unilateralidade asséptica de ambientes controlados, ou contra a unilateralidade caótica de ambientes desordenados.

A partir da obra do musicólogo canadense Murray Schafer (2019, p. 126-128), entendemos a paisagem sonora como “todo e qualquer qualquer ambiente acústico”, e

⁴ <https://paisagemsonora2020.wixsite.com/mapa-sonoro-usjt>

as formas como este é percebido e entendido pelos cidadão e pela coletividade. Este “ambiente acústico”, no entanto, parece estar constantemente ameaçado pelo avanço da forma sonora do capital; e seria tarefa do design de paisagem sonora, seja ele um arquiteto, musicólogo ou comunicólogo, tentar compreender os sons e classificá-los como consonantes ou dissonantes.

Assim, como representação das dinâmicas de ocupação cidadã e inclusiva, a paisagem sonora é dissonante e multilateral. Essa perspectiva se sustenta na ideia de que a unilateralidade é uma forma de descomplexificação de cenários e situações, que resultam em uma mirada enfiada ou viciada, no fim das contas, numa perspectiva radicalizada. Essa ideia geral está inspirada na Psicologia Analítica de Carl Jung (2013, p. 68-69), segundo a qual uma psique saudável corresponderia a uma vida equilibrada entre os aspectos racionalistas e imaginários, entre a ordem e o caos; e as unilateralidade, para um lado ou para outro, corresponderia ao radicalismo, distúrbio, doença individual ou coletiva.

Então, se a paisagem sonora das grandes cidades é hoje tomada por uma unilateralidade acústica da máquina e do digital, há de se buscar compensações a esta unilateralização da cidade, pois a uma unilateralidade sonora corresponde uma unilateralidade socioeconômica, política e cultural. É a monocultura do som e monocultura da sociedade (SANTOS, 2007, p. 29-30; SHIVA, 2003).

E qual a importância de uma paisagem sonora multilateral? Acreditamos que a paisagem sonora é a representação de um mecanismo sociocultural e psicossocial mais profundo, atuando como um termômetro de uma estrutura social inclusiva (multilateral, diversa) ou exclusivista (unilateral) das cidades. Isso porque a linguagem sonora, por sua forma não-verbal, apresenta uma função mnemônica mais preservada e que mais atinge o inconsciente individual e coletivo (GABBAY, 2017; 2018; BENENZON, 1988, p. 83). Por isso, a paisagem sonora como dispositivo de comunicação ou discurso deverá reproduzir a identidade de um território e suas formas psicossociais coletivas. Uma sociedade multilateral do ponto de vista sonoro seria mais rica do ponto de vista sociocultural e psicossocial.

Se os sons da vida urbana contemporânea devem ser compreendidos pela paisagem sonora, há, como aponta Schafer (2019, p. 77-82), sons tiranos. Sons que tensionam a régua auditiva para a unilateralidade que desarticula. As máquinas supérfluas e estridentes. O que foi para Schafer a máquina de soprar folhas, muito

encontrada nos outonos canadenses, e que mais faz barulho do que efetivamente limpa o solo, seria para o terceiro mundo os sistemas obsoletos de freio dos ônibus, que, para quem espera nos pontos, em calçadas estreitas e mal planejadas, soam como um enorme silenciar, tamanha sua intensidade. Os sons tiranos silenciam os convercês de estudantes, colegas, amigos e amantes a esperarem seu transporte coletivo. O mesmo acontece nas estações de metrô. Reaproveitando-se de frotas já obsoletas em cidades e países mais ricos, as pequenas capitais da América Latina herdaram o lixo sonoro dos países ricos.

“A paisagem sonora de toda sociedade é condicionada pelos materiais predominantes em sua construção” (SCHAFER, 2019, p. 83). A partir desta afirmativa, podemos considerar que ambulantes, algumas sirenes, sinais sonoros, aviões ao longe, pássaros, ventanias, chuvas, fazem parte da paisagem constitutiva da cidade. María-Ángeles Durán (2008, p. 81-84) vê a identificação com a cidade como um processo ao mesmo tempo cognoscitivo e afetivo, onde os vínculos afetivos se referem à ocupação dos espaços da cidade. “*El sonido, junto al color, transforma la ciudad, se apodera de ella. Borra cualquier otro signo durante el tiempo que dura e impone sin resistencia el reino de su sentido*” (DURÁN, 2008, p. 116). A autora se refere aos convercês, sons da vida cotidiana. A arquiteta americana Jane Jacobs, autora do famoso livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, de 1961, também defende as ocupações do cotidiano como uma forma da diversidade urbana. Ela acusa a monotonia como expressão do monopólio capitalista que vai se ocupando das paisagens e espaços urbanos. Por outro lado, “as cidades são grandes geradoras naturais de diversidade”, afirma. E acrescenta: “onde quer que existam locais cheios de vida e atraentes nas cidades, os pequenos são muito mais numerosos que os grandes” (JACOBS, 2011, p. 159-161).

Mas a partir do momento em que o som ou ruído se tornam agentes silenciadores da diversidade, impedindo a interação entre pessoas, eles se tornam agentes da tirania.

Isso vale também para as políticas de silenciamento, que impedem a aglomeração de jovens e a realização de batalhas de rima, batucadas, *slams*, rodas de capoeira, e mesmo festas religiosas. O silêncio disciplinar imposto pelos espaços privatizados, como shoppings e parques gradeados, que, pelo padrão de gestão privatista, lembram as antigas leis de costumes implementadas nas cidades de grande concentração de presença sonora africana, no século XIX, que proibiam batuques, “bulhas e vozeiras” em Belém, Salvador e Rio de Janeiro (GABBAY, 2018, p. 58).

Assim, uma cidade democrática é uma cidade com paisagem sonora diversa, onde se escutam as vozes da rua, das juventudes e dos ocupantes do espaço público. Foi com este intuito que o projeto de extensão descrito a seguir procurou elaborar, de forma preliminar, uma classificação taxonômica da paisagem sonora no entorno do campus Butantã da USJT, em São Paulo, para construir um cenário crítico do território no contexto da pandemia da Covid-19.

4. Taxonomia e Percepção da Paisagem Sonora: metodologia, resultados e análises

Uma das tarefas do projeto de extensão “Paisagem sonora: Mapeamento urbano e psicossocial” foi o mapeamento e taxonomia de sons capturados numa movimentada avenida da cidade de São Paulo, dentro do contexto de paisagem sonora. O objetivo era construir um retrato crítico da paisagem sonora deste território, identificando dois pontos: primeiro, por meio de um estudo comparativo, o impacto sonoro e psicossocial durante e depois do forçado isolamento social provocado pela pandemia da Covid-19 em 2020. A pergunta era: uma menor ocupação urbana produtivista melhora ou piora a presença naquele espaço? Em segundo lugar, buscava-se identificar o quão unilateral é este território. Ele está aberto a uma ocupação mais democrática e criativa? Ou é radicalmente dominado pelo produtivismo urbano?

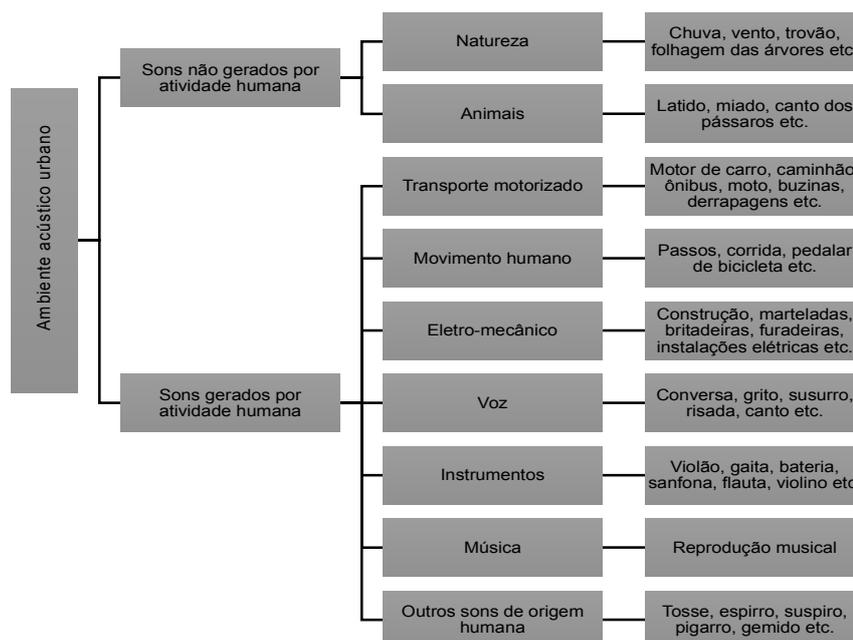
Sob a supervisão deste autor, dois grupos de alunos (um em 2020 e outro em 2022) mapearam os sons ambiente em onze pontos distintos da Avenida Vital Brasil, localizada no bairro do Butantã, Zona Oeste da cidade, onde está localizado o campus da USJT, foram eles:

- 1) Av. Vital Brasil, 399 (Saída do metrô)
- 2) Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (Saída do metrô)
- 3) Rua Camargo, 327 (Ponto de ônibus)
- 4) Rua Camargo, 502 (Esquina da Caixa Econômica)
- 5) R. Salvador Garcia (Rua sem saída)
- 6) Av. Vital Brasil, 652 (Supermercado)
- 7) Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga
- 8) R. Santa Rosa Júnior, 52
- 9) R. Moncorvo Filho, 578
- 10) Instituto Butantã
- 11) Av. Vital Brasil, 397 (Bar do Naná)

Nestas caminhadas exploratórias, os alunos registraram, para cada um dos onze pontos, uma gravação amostral da paisagem sonora real, um registro fotográfico e sua localização no mapa do trajeto. As gravações possuíam duração variada entre vinte segundos e dois minutos, contando também com a respectiva medição dos decibéis mínimo, máximo e médio de cada localidade durante o período. Uma vez em posse das gravações seria preciso fazer a taxonomia dos sons presentes nas amostras.

Para balizar a identificação dos sons, partiu-se do modelo de taxonomia do ambiente acústico urbano proposto em Brown et al. (2011), fazendo-se as devidas adaptações para o contexto do mapeamento realizado. Primeiramente foram criadas duas categorias: a) Sons não gerados por atividade humana e b) Sons gerados por atividade humana. Posteriormente essas categorias foram segmentadas em nove subcategorias, expostas e exemplificadas na Tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Segmentação das categorias sonoras encontradas na Avenida Vital Brasil.



Num segundo momento, inspirados pelos resultados de Axelsson et al. (2010) de que a percepção da paisagem sonora poderia ser descrita em termos de três componentes básicos (agradabilidade, eventualidade e familiaridade), adaptou-se a pesquisa para se criar uma escala simplificada em que fosse possível enquadrar as amostras obtidas em campo. Consideraram-se apenas os componentes de agradabilidade e de eventualidade, de modo que a combinação entre os dois geraria uma classificação para a percepção da paisagem sonora.

Para a agradabilidade, escolheu-se uma escala em que os sons poderiam variar entre *desagradável*, *indiferente* e *agradável*. Para cada um destes atributos, designou-se um *score* de -1, 0 e +1; respectivamente. O intuito desse *score* seria o de podermos classificar a agradabilidade do local em que os sons foram capturados por meio de uma média dos *scores* individuais de cada som da respectiva localidade. Deste modo, seria possível identificar a agradabilidade não apenas do som em determinado local, mas do próprio local em si. Conseqüentemente, isso também possibilitaria uma análise comparativa entre localidades medidas num mesmo ano, assim como entre localidades medidas em anos distintos. É importante ressaltar que quando foram feitos os cálculos das médias dos *scores*, os valores decimais foram sempre arredondados para cima.

Já para a eventualidade a escala variava entre *som de pouca ocorrência*, *som de ocorrência moderada* e *som de muita ocorrência*. Novamente, o *score* respectivo de cada atributo foi de -1, 0 e +1. A combinação entre agradabilidade e eventualidade gerou nove percepções da paisagem sonora. Para cada uma das percepções foi alocado um *score* de 1 à 9, conforme demonstrado pela Figura 1 abaixo.

Figura 1: Distribuição de *score* para cada nível de percepção sonora.

Desagradável (-1)	Som de muita ocorrência (+1)	Caótica (1)
(score)	Som de ocorrência moderada (0)	Desagradável (2)
Indiferente (0)	Som de pouca ocorrência (-1)	Monótona (3)
	Som de muita ocorrência (+1)	Indiferente, mas muito frequente (4)
	Som de ocorrência moderada (0)	Indiferente (5)
	Som de pouca ocorrência (-1)	Indiferente, mas pouco frequente (6)
	Som de pouca ocorrência (-1)	Calma (7)
Agradável (+1)	Som de ocorrência moderada (0)	Agradável (8)
	Som de muita ocorrência (+1)	Excitante (9)

Estabelecidos os critérios tanto da taxonomia quanto da percepção da paisagem sonora, iniciou-se o processo de análise dos dados colhidos em campo em 2020 e 2022. A princípio, um único integrante do projeto – co-autor deste artigo – ficou responsável por escutar, reconhecer e classificar sons, computar as medições de decibéis, realizar a taxonomia e por fim classificar a percepção da paisagem sonora.

Em se tratando da taxonomia, ao escutar os 22 fragmentos de áudio (sendo 11 de 2020 e 11 de 2022), o integrante conseguiu identificar 72 tipos de sons, sendo que 17 podem ser considerados únicos. A partir da própria subjetividade, o integrante os classificou conforme Tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Classificação dos sons encontrados na amostra da Avenida Vital Brasil.

Silêncio Vento	Pássaros piando	Buzina Porta pneumáticas dos ônibus Veículos passando	Pessoas andando	Alarme Batidas Metal chacoalhando Sirene	Gritos Pessoas falando Pessoas rindo	Música	Estalos Pessoas varrendo farfalhando
-------------------	-----------------	--	-----------------	--	--	--------	---

A partir da classificação foi possível comparar a participação de cada subcategoria de som sobre o total identificado em ambos os anos (Tabela 3). O objetivo dessa análise é de poder embasar a interpretação dos resultados de percepção da paisagem sonora que seriam obtidos mais adiante.

Tabela 3: Participação de cada subcategoria de sons em relação ao total das duas coletas.

Subcategorias	2020	2022	Δ p.p.
01. Natureza	11%	0%	-11 p.p.
02. Animais	14%	7%	-7 p.p.
03. Transporte motorizado	32%	41%	9 p.p.
04. Movimento humano	0%	5%	5 p.p.
05. Eletro-mecânico	4%	9%	6 p.p.
06. Voz	29%	32%	3 p.p.
08. Música	7%	0%	-7 p.p.
09. Outros sons de origem humana	4%	7%	3 p.p.
Total Participação	100%	100%	
Total Sons Identificados	28	44	

Posteriormente, foi feito o enquadramento dos tipos de sons dentro dos dois componentes de percepção da paisagem sonora (agradabilidade e eventualidade). Novamente, por estarmos falando de um processo realizado por apenas um integrante, este possui o viés da sua subjetividade única. Para a coleta de 2020, os resultados acabaram relatando uma paisagem sonora *indiferente*, resultado de uma agradabilidade também *indiferente* e uma eventualidade de *sons de ocorrência moderada*. Os decibéis médio do percurso total da Avenida Vital Brasil ficou em torno de 74 Db (Tabela 4).

Tabela 4: Resultado da classificação dos sons coletados em 2020.

Ano	Código e Descrição do Local	Média Db	Agradabilidade	Eventualidade	Percepção da Paisagem Sonora
2020	01. Av. Vital Brasil, 399 (saída do metrô)	79	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente
2020	02. Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (saída do metrô)	73	Desagradável	Som de pouca ocorrência	Monótono
2020	03. Rua Camargo, 327 (ponto de ônibus)	84	Desagradável	Som de muita ocorrência	Caótico
2020	04. Rua Camargo, 502 (esquina Caixa Econômica)	82	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável
2020	05. R. Salvador Garcia (sem saída)	70	Indiferente	Som de pouca ocorrência	Indiferente, mas pouco frequente
2020	06. Av. Vital Brasil, 652 (supermercado)	73	Desagradável	Som de pouca ocorrência	Monótono
2020	07. Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga	80	Desagradável	Som de pouca ocorrência	Monótono
2020	08. R. Santa Rosa Júnior, 52	64	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente
2020	09. R. Moncorvo Filho, 578	66	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente
2020	10. Instituto Butantã	57	Agradável	Som de ocorrência moderada	Agradável
2020	11. Av. Vital Brasil, 397 (bar do Naná)	69	Desagradável	Som de muita ocorrência	Caótico
	Percurso Total	72	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente

Em 2022 os resultados apresentaram uma piora em termos de percepção. Esta passou a ser caracterizada como *desagradável*, sendo uma combinação de uma agradabilidade também *desagradável* e uma eventualidade de *som de ocorrência moderada*. O mais curioso é que os decibéis médio do percurso total sofreram uma queda de -10 Db, ficando em 62 Db (Tabela 5).

Tabela 5: Resultado da classificação dos sons coletados em 2022.

Ano	Código e Descrição do Local	Média Db	Agradabilidade	Eventualidade	Percepção da Paisagem Sonora
2022	01. Av. Vital Brasil, 399 (saída do metrô)	66	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável
2022	02. Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (saída do metrô)	63	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável
2022	03. Rua Camargo, 327 (ponto de ônibus)	65	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável
2022	04. Rua Camargo, 502 (esquina Caixa Econômica)	68	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente
2022	05. R. Salvador Garcia (sem saída)	50	Indiferente	Som de pouca ocorrência	Indiferente, mas pouco frequente
2022	06. Av. Vital Brasil, 652 (supermercado)	70	Desagradável	Som de muita ocorrência	Caótico
2022	07. Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga	74	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável
2022	08. R. Santa Rosa Júnior, 52	52	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente
2022	09. R. Moncorvo Filho, 578	55	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável
2022	10. Instituto Butantã	53	Indiferente	Som de ocorrência moderada	Indiferente
2022	11. Av. Vital Brasil, 397 (bar do Naná)	62	Desagradável	Som de muita ocorrência	Caótico
Percurso Total		62	Desagradável	Som de ocorrência moderada	Desagradável

A Tabela 6 abaixo busca resumir essa comparação entre os anos de 2022 e 2020:

Tabela 6: Síntese da classificação dos sons coletados em 2020 e 2022.

Local	Δ Db Médio	$\Delta\%$ Db Médio	Avaliação Taxonomia 22	Varição / Manutenção Taxonomia	Varição / Manutenção Agradabilidade	Varição / Manutenção Eventualidade
01. Av. Vital Brasil, 399 (saída do metrô)	-13	-16%	Piorou	Indiferente → Desagradável	Indiferente → Desagradável	Som de ocorrência moderada
02. Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (saída do metrô)	-10	-14%	Piorou	Monótono → Desagradável	Desagradável	Som de pouca ocorrência → Som de ocorrência moderada
03. Rua Camargo, 327 (ponto de ônibus)	-19	-22%	Melhorou	Caótico → Desagradável	Desagradável	Som de muita ocorrência → Som de ocorrência moderada
04. Rua Camargo, 502 (esquina Caixa Econômica)	-14	-17%	Melhorou	Desagradável → Indiferente	Desagradável → Indiferente	Som de ocorrência moderada
05. R. Salvador Garcia (sem saída)	-20	-28%	Igual	Indiferente, mas pouco frequente	Indiferente	Som de pouca ocorrência
06. Av. Vital Brasil, 652 (supermercado)	-3	-4%	Piorou	Monótono → Caótico	Desagradável	Som de pouca ocorrência → Som de muita ocorrência
07. Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga	-6	-7%	Piorou	Monótono → Desagradável	Desagradável	Som de pouca ocorrência → Som de ocorrência moderada
08. R. Santa Rosa Júnior, 52	-12	-18%	Igual	Indiferente	Indiferente	Som de ocorrência moderada
09. R. Moncorvo Filho, 578	-11	-16%	Piorou	Indiferente → Desagradável	Indiferente → Desagradável	Som de ocorrência moderada
10. Instituto Butantã	-4	-8%	Piorou	Agradável → Indiferente	Agradável → Indiferente	Som de ocorrência moderada
11. Av. Vital Brasil, 397 (bar do Naná)	-7	-10%	Igual	Caótico	Desagradável	Som de muita ocorrência
Percurso Total	-11	-15%	Piorou	Indiferente → Desagradável	Indiferente → Desagradável	Som de ocorrência moderada

Tendo em vista que os resultados acima eram enviesados por estarem sob a ótica de um único observador e avaliador, procurou-se obter resultados que pudessem contemplar mais participantes do projeto de extensão. Para tal, novas adaptações foram feitas. Primeiramente, não seria feita uma nova taxonomia de cada tipo de som individual, nem mesmo a respectiva classificação dos componentes de agradabilidade e

eventualidade; mas outros onze participantes do projeto iriam classificar diretamente a percepção de cada localidade, a partir de uma escuta coletiva das amostras de 2020 e 2022. Em segundo lugar, foi feita uma redução nos *scores* de percepção, de modo que as percepções “*indiferente, mas muito frequente*”, “*indiferente*” e “*indiferente, mas pouco frequente*” foram todas unificadas na percepção “*indiferente*”. Deste modo, o grupo passou a utilizar apenas sete percepções para classificar os locais. Por fim, somou-se o resultado do grupo com o do participante inicial para se ter uma visão consolidada.

Assim como anteriormente, para 2020 a percepção média da paisagem sonora consolidada ficou classificada como *indiferente* (Tabela 7).

Tabela 7: Resultado da classificação dos sons coletados em 2020 após a escuta coletiva.

Ano	Código e Descrição do Local	Média Db	Percepção da Paisagem Sonora
2020	01. Av. Vital Brasil, 399 (saída do metrô)	79	Monótono
2020	02. Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (saída do metrô)	73	Indiferente
2020	03. Rua Camargo, 327 (ponto de ônibus)	84	Desagradável
2020	04. Rua Camargo, 502 (esquina Caixa Econômica)	82	Monótono
2020	05. R. Salvador Garcia (sem saída)	70	Agradável
2020	06. Av. Vital Brasil, 652 (supermercado)	73	Indiferente
2020	07. Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga	80	Monótono
2020	08. R. Santa Rosa Júnior, 52	64	Agradável
2020	09. R. Moncorvo Filho, 578	66	Agradável
2020	10. Instituto Butantã	57	Agradável
2020	11. Av. Vital Brasil, 397 (bar do Naná)	69	Indiferente
Percorso Total		72	Indiferente

Já em 2022 a percepção média consolidada ficou como *monótona* – uma percepção melhor que a obtida pelo participante individual na primeira análise, anteriormente resultando em *desagradável* (Tabela 8).

Tabela 8: Resultado da classificação dos sons coletados em 2022 após a escuta coletiva.

Ano	Código e Descrição do Local	Média Db	Resultado do som local
2022	01. Av. Vital Brasil, 399 (saída do metrô)	66	Monótono
2022	02. Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (saída do metrô)	63	Desagradável
2022	03. Rua Camargo, 327 (ponto de ônibus)	65	Desagradável
2022	04. Rua Camargo, 502 (esquina Caixa Econômica)	68	Desagradável
2022	05. R. Salvador Garcia (sem saída)	50	Calmo
2022	06. Av. Vital Brasil, 652 (supermercado)	70	Desagradável
2022	07. Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga	74	Desagradável
2022	08. R. Santa Rosa Júnior, 52	52	Calmo
2022	09. R. Moncorvo Filho, 578	55	Indiferente
2022	10. Instituto Butantã	53	Indiferente
2022	11. Av. Vital Brasil, 397 (bar do Naná)	62	Monótono
Percorso Total		62	Monótono

A Tabela 9 abaixo busca resumir essa comparação entre os anos de 2022 e 2020:

Tabela 9: Síntese da classificação dos sons coletados em 2020 e 2022, após a escuta coletiva.

Local	Db Médio 2022	Δ% vs. 2020	Taxonomia em 2022	vs. 2020	2020 → 2022
01. Av. Vital Brasil, 399 (saída do metrô)	66	-16%	Monótono	Igual	Se manteve Monótono
02. Av. Vital Brasil esquina com Eng. Bianor (saída do metrô)	63	-14%	Desagradável	Piorou	Indiferente → Desagradável
03. Rua Camargo, 327 (ponto de ônibus)	65	-22%	Desagradável	Igual	Se manteve Desagradável
04. Rua Camargo, 502 (esquina Caixa Econômica)	68	-17%	Desagradável	Piorou	Monótono → Desagradável
05. R. Salvador Garcia (sem saída)	50	-28%	Calmo	Piorou	Agradável → Calmo
06. Av. Vital Brasil, 652 (supermercado)	70	-4%	Desagradável	Piorou	Indiferente → Desagradável
07. Av. Vital Brasil esquina com R. Alvarenga	74	-7%	Desagradável	Piorou	Monótono → Desagradável
08. R. Santa Rosa Júnior, 52	52	-18%	Calmo	Piorou	Agradável → Calmo
09. R. Moncorvo Filho, 578	55	-16%	Indiferente	Piorou	Agradável → Indiferente
10. Instituto Butantã	53	-8%	Indiferente	Piorou	Agradável → Indiferente
11. Av. Vital Brasil, 397 (bar do Naná)	62	-10%	Monótono	Piorou	Indiferente → Monótono
Percorso Total	62	-15%	Monótono	Piorou	Indiferente → Monótono

A análise comparativa entre os anos mostra que apesar da redução de -15% nos níveis médios de decibéis, a percepção da paisagem sonora do percurso piorou - de Indiferente para Monótona. A redução na participação de sons da subcategoria *Natureza* (de 11% do total de sons identificados em 2020 para 0% em 2022) e o incremento na participação de sons de *Transporte Motorizado* (de 32% em 2020 para 41% em 2022) corroboram com este achado, indicando que a piora na percepção da paisagem sonora provavelmente se deve ao aumento na participação geral de sons de conotação negativa.

Considerações Finais

Quando iniciamos o projeto de extensão e definimos os componentes de percepção da paisagem sonora sintetizados nos critérios de agradabilidade e eventualidade, acreditávamos, de antemão, que os níveis brutos de ruído em decibéis teriam sido maiores em 2022, uma vez que a coleta de sons de 2020 ocorreu em um sábado de manhã de novembro, ainda sob considerável diminuição da circulação de pessoas pela reclusão social da pandemia da Covid-19, e a coleta de 2022 ocorreu em uma quarta-feira de maio, às 18 horas, durante o horário de pico e após o período mais crítico da pandemia, quando várias atividades presenciais já haviam sido retomadas.

No entanto, os níveis brutos de ruído foram menores em 2022 (62Db contra 74 em 2020), mas a percepção humana dos sons gravados foi pior. Isso pode se justificar pela qualidade da paisagem sonora. A Tabela 3 deste artigo nos mostra que em 2020

havia 11 vezes mais sons de “natureza” percebidos nas gravações (11% do total contra 0% em 2022) e também de “animais” (14% em 2020 contra 7% em 2022). Ao contrário, os sons potencialmente desagradáveis, como “transporte motorizado” e “eletromecânico” apresentaram aumento em 2022 (30% e 125% a mais, respectivamente). No saldo qualitativo, a percepção sonora de 2022 é *monótona*, enquanto que em 2020, apesar de quantitativamente mais intensa, a percepção, do ponto de vista qualitativo, era *indiferente*.

Podemos concluir que a ocupação ordinária deste território – fora do contexto de redução da ocupação e do tráfego em 2020 – é caracterizada por uma predominância de sons urbanos e maquinicos, que fazem do território um espaço “monótono”, ou seja, monotônico, unilateral, monopolizado pela paisagem sonora da máquina e de suas representações hostis do trabalho, do trânsito e do tempo acelerado da urbanidade. Podemos concluir também que não é o volume de emissão de sons que caracteriza um espaço convidativo à ocupação cidadã e à diversidade, mas a qualidade da informação sonora. Além dos sons representativamente arquetípicos, como “natureza” e “animais”, a categoria “música” também era 7 vezes mais presente em 2020 (7% do total em 2020 contra 0 em 2022).

Por fim, consideramos que este trabalho abre possibilidades quanto às formas de reocupação dos espaços públicos a partir de projetos sonoro-musicais em sua potência comunicacional. A construção de um ambiente urbano cidadão passa por uma ocupação sonora diversificada, democrática e equilibrada, mas atenta às formas de representação sociocultural que possam fazer frente aos sons silenciadores do capital, das máquinas e da ordem produtivista da vida nas grandes metrópoles.

REFERÊNCIAS:

- BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1998.
- BERGLUND, B.; NILSSON, M. E.; AXELSSON, Ö. 2007. “Soundscapes psychophysics in place”. **Internoise 2007**. Istanbul: Internoise, 2007.
- BIRMAN, Joel. **O trauma na pandemia do Coronavírus**. São Paulo: Ed. Civilização Brasileira, 2020.
- BROWN, A. L.; KANG, J.; GJESTLAND, T. “Towards Standardization in soundscape preference assessment”. **Applied Acoustics**, 04 jan. 2011. 387-392, 2011.

CHAUÍ, Marilena. **Simulacro e poder:** uma análise da mídia. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006.

DE STAAL, Ana, & LEVINE, Howard (orgs.). **Psicanálise e Vida Covidiana:** desamparo coletivo, experiência individual. São Paulo: Ed. Blucher, 2021.

DURÁN, María-Ángeles. **La Ciudad Compartida:** conocimiento, afecto y uso. Santiago de Chile: Ediciones Sur, 2008.

GABBAY, Marcello M. **Comunicação Poética e Música Popular.** Curitiba: Ed. Appris, 2018.

_____. “Doença Mental e Composição Confessional: análise de dois casos na música popular”. Monografia de Especialização em Musicoterapia Preventiva e Social, FMU, 2017.

JUNG, Carl Gustav. **A Natureza da Psique.** Petrópolis: Vozes, 2013.

O’NEIL, Cathy. **Algoritmos de Destruição em Massa.** Santo André: Ed. Rua do Sabão, 2020.

ROCHA, Lucas. Pesquisa revela impactos da pandemia para a saúde mental de estudantes em SP. In: **CNN**, abr. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/saude/pesquisa-revela-impactos-da-pandemia-para-a-saude-mental-de-estudantes-em-sp/>. Acesso em abr. 2022.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a Emancipação Social.** São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

SCHAFER Murray. **Vozes da Tirania.** São Paulo: Ed. Unesp, 2019.

SHIVA, Vandana. **Monoculturas da mente:** perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia. São Paulo: Editora Gaia, 2003.

SODRÉ, Muniz. **A Sociedade Incivil:** mídia, iliberalismo e finanças. Petrópolis: Vozes, 2021.

_____. **A Narração do Fato.** Petrópolis: Vozes, 2009.

_____. **Antropológica do Espelho.** Petrópolis: Vozes, 2002.

YONESHIGUE, Bernarco. Brasil é o país com mais casos de ansiedade, segundo OMS; veja 11 sintomas do transtorno. In: **O GLOBO**, 31 mai. 2022. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/saude/medicina/noticia/2022/05/brasil-e-o-pais-com-mais-casos-de-ansiedade-segundo-oms-veja-os-11-sintomas-do-transtorno.ghtml>. Acesso em jun. 2022.